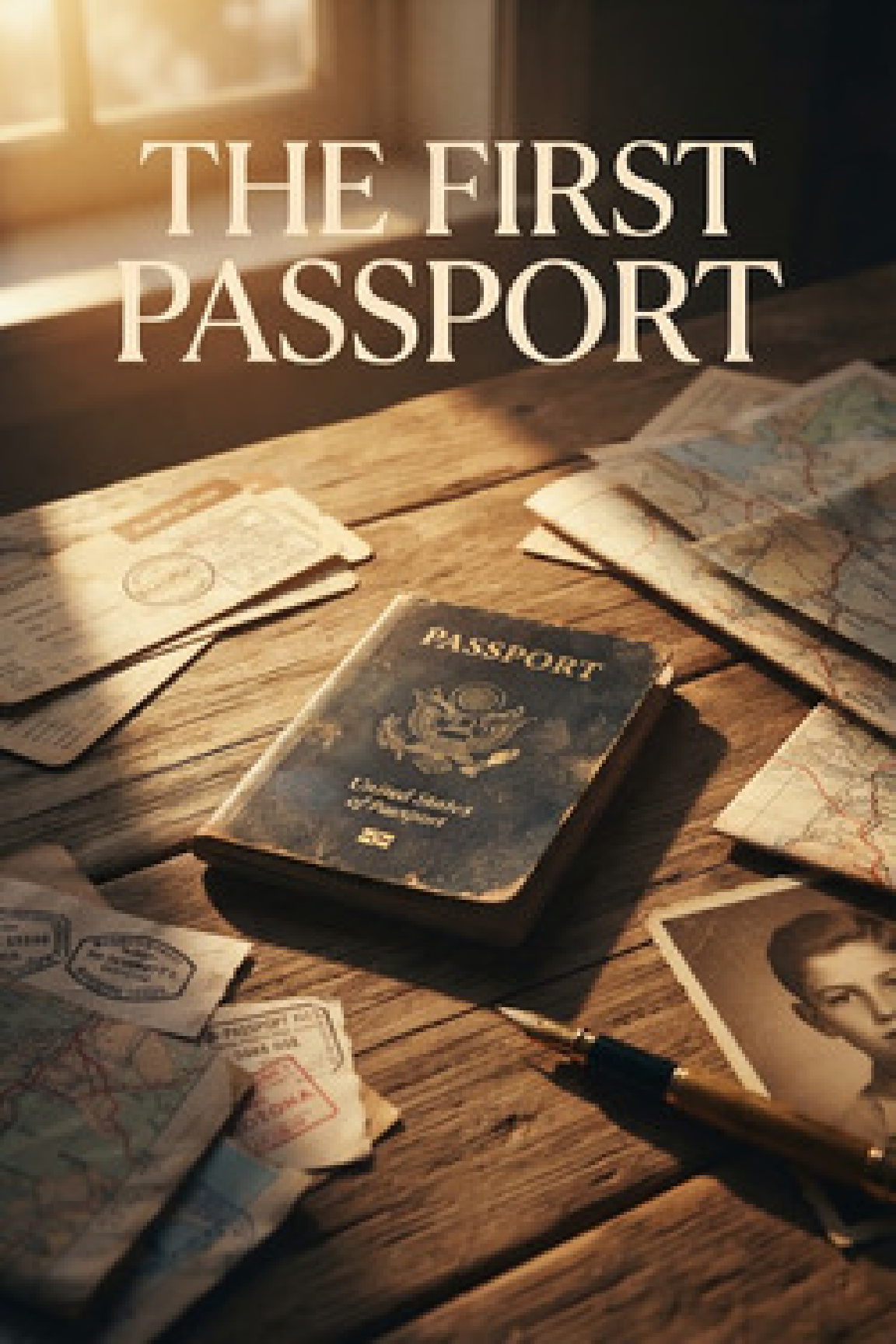

THE FIRST
PASSPORT
PASSPORT

LIMIAR 4

O Primeiro Passaporte

Por muitos anos acreditei que estava construindo uma carreira.

Era uma convicção razoável.

Toda manhã eu me levantava para trabalhar.

Cada semana tinha objetivos.

Cada mês tinha resultados.

Cada ano tinha um balanço.

Tudo parecia confirmar a ideia de que o centro da história era o trabalho.

Depois chegou o tempo.

E o tempo, como sempre, se encarregou de colocar cada coisa no seu lugar.

Hoje, olhando para trás, não recordo os números tanto quanto recordo as pessoas.

Não recordo as estatísticas tanto quanto recordo as conversas.

Não recordo os procedimentos tanto quanto recordo as decisões.

É uma descoberta surpreendente.

Passamos uma vida acreditando que o valor se encontra nas estruturas.

Depois descobrimos que o valor estava escondido nos seres humanos que atravessavam aquelas estruturas.

Entrei num mundo que tinha regras precisas.

Objetivos claros.

Padrões elevados.

Exigia disciplina.

Pedia responsabilidade.

Não concedia muito espaço aos atalhos.

Era um ambiente exigente.

E foi uma sorte.

Porque a disciplina é uma forma de respeito.

Antes de tudo por si mesmo.

Vivemos numa época que celebra continuamente o talento.

Eu aprendi a respeitar algo diferente.

A constância.

O talento pode abrir uma porta.

A constância permite que você atravesse o corredor.

Muitas pessoas brilhantes desaparecem.

Muitas pessoas comuns constroem, ao contrário, obras extraordinárias.

A diferença raramente é a inteligência.

Muitas vezes é a continuidade.

Dia após dia.

Decisão após decisão.

Responsabilidade após responsabilidade.

Foi ali que comecei a entender uma coisa fundamental.

Uma organização nunca é realmente feita de edifícios.

Não é feita de logotipos.

Não é feita de slogans.

É feita de comportamentos repetidos ao longo do tempo.

Toda empresa possui uma cultura visível e uma invisível.

A primeira aparece nas brochuras.

A segunda emerge quando ninguém olha.

Quando chega um problema.

Quando um cliente está insatisfeito.

Quando falta um resultado.

Quando uma crise bate à porta.

É nesse momento que você descobre aquilo que conta de verdade.

Por anos observei homens e mulheres sob pressão.

Alguns mudavam completamente.

Outros revelavam o melhor de si.

E era nesses momentos que eu aprendia.

Não com os sucessos.

Com as reações.

Porque a verdadeira identidade de uma pessoa raramente emerge nos dias fáceis.

Manifesta-se quando algo se rompe.

Quando o plano fracassa.

Quando a segurança desaparece.

Quando resta apenas o caráter.

Muitas das lições mais importantes da minha vida não vieram de uma sala de aula.

Não vieram de um livro.

Vieram de encontros cotidianos.

De colegas.

De clientes.

De pessoas que provavelmente nunca imaginaram estar ensinando algo.

A vida funciona muitas vezes assim.

Os mestres mais importantes não se apresentam como mestres.

Simplesmente vivem diante de nós.

E algo deles permanece.

Com o passar dos anos comecei a viajar.

Nações diferentes.

Culturas diferentes.

Línguas diferentes.

No início eu procurava as diferenças.

Era natural.

Cada país parecia possuir uma personalidade própria.

Um ritmo.

Uma lógica.

Uma sensibilidade.

Depois aconteceu algo.

Comecei a notar as semelhanças.

Um pai preocupado com o futuro dos filhos.

Uma mãe pronta para se sacrificar.

Um jovem desejoso de demonstrar o próprio valor.

Um trabalhador que pede respeito.

Um idoso que quer ser ouvido.

As coordenadas mudavam.

O ser humano permanecia surpreendentemente semelhante.

Foi então que comecei a compreender que a empresa era muito mais do que um lugar de trabalho.

Era uma janela.

Estava me permitindo observar o mundo.

Entrar em realidades que de outro modo eu nunca teria conhecido.

Entender que a geografia separa os homens muito menos do que creem.

Cada viagem acrescentava algo.

Cada encontro deslocava uma fronteira mental.

Cada experiência demolia um preconceito.

E sem perceber eu estava aprendendo uma lição maior do que o próprio trabalho.

O ser humano vem antes de todo sistema.

Sempre.

As estratégias mudam.

Os mercados mudam.

As tecnologias mudam.

As gerações mudam.

Mas a confiança permanece.

O respeito permanece.

A palavra dada permanece.

São moedas que nunca perdem valor.

Quando penso naquele período da minha vida, não o considero apenas um percurso profissional.

Considero-o um aprendizado humano.

Um laboratório.

Uma escola informal na qual cada dia acrescentava um detalhe à compreensão do mundo.

Por isso hoje sorrio quando alguém reduz uma carreira a uma série de cargos.

Os cargos são temporários.

As lições permanecem.

As pessoas permanecem.

As transformações permanecem.

No fim não levo comigo um organograma.

Não levo comigo uma posição.

Não levo comigo um título.

Levo comigo centenas de rostos.

Milhares de conversas.

Uma quantidade incalculável de lições recebidas de pessoas comuns.

E sobretudo uma certeza.

A empresa era importante.

Muito importante.

Formou-me.

Colocou-me à prova.

Abriu-me estradas que eu nunca teria imaginado.

Mas não era a linha de chegada.

Era o ponto de partida.

Porque o trabalho construía competências.

O mundo construía consciência.

E a verdadeira história, aquela que estava tomando forma lentamente dentro de mim, ainda estava por começar.